

# Um intelectual brasileiro do século XIX e sua biblioteca

*A Brazilian 19<sup>th</sup> century intellectual and his library*

Miridan Britto Falci\*

## Abstract

This article proposes to analyse a collection of books which belongs to the Casa da Hera Museum in Vassouras, Rio de Janeiro, and his owner, Joaquim José Teixeira Leite, Brazilian politician of nineteenth century. In this article the trajectory of JTL is evaluated, identified with an intellectual "avant la lettre".

Keywords: Brazilian culture; Regional history; library.

## Resumo

Inserir-se o trabalho na preocupação de apresentar ao público acadêmico uma biblioteca até então completamente desconhecida, a do político fluminense do Império, Joaquim José Teixeira Leite, existente no Museu da Casa da Hera em Vassouras, RJ. Neste artigo avalia-se a trajetória de JTL, identificado como um intelectual "avant la lettre", e fazem-se algumas reflexões sobre o valor, para o historiador, dessas coleções e principalmente de suas obras de História.

Palavras-chave: Cultura brasileira; história regional; bibliotecas.

Ter uma biblioteca ou um grande conjunto de livros sobre assuntos diversos ou mesmo com especificidade sobre um sempre foi, é, e será um símbolo de cultura, de uma força social, de uma elite intelectual.

Mesmo acreditando com H. J. Martin que "o livro não exerce mais o poder que teve: ele não é mais o mestre de nossos raciocínios ou de nossos sentimentos em face dos meios de informação e de comunicação que agora dispomos"<sup>1</sup>, o texto do futuro, trabalhado pela internet, feito através de

\* Professora da UFRJ/Professora da Universidade Severino Sombra, Vassouras/Doutora em História pela USP. Autora de "Mulheres no sertão nordestino", in *História das mulheres no Brasil* (org. Mary del Priore) São Paulo: Contexto, 1997; *Escravos do Sertão*. Teresina: Fundação Mons. Chaves, 1995 e *A Criança na Província do Piauí*. CEDHAL/USP: Academia Piauiense de Letras/ Teresina, 1992. e-mail: miridanbritto@aol.com. R. Desembargador Alfredo Russel 50, ap. 101. Leblon. Cep 22-431-030. Rio, RJ.

<sup>1</sup> Conferência proferida na Académie des Sciences Morales et Politiques, Paris, 15 de março de 1993, apud CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999, p. 94

cortes, inclusões, adaptações, transcrições, violentado de suas formas iniciais, não poderá apagar a imagem e a necessidade de uma biblioteca (ou um conjunto expressivo de livros) que poderá fornecer novas maneiras de ler e onde se instalarão novas técnicas intelectuais e novas relações com a escrita.

E as cópias, anotações, desmembramentos, recomposições de textos via internet resultarão, ao final, na criação de novos textos, novos livros, novas obras *et pour cause*, novas bibliotecas.

Uma biblioteca não é só um amontoado de livros, de títulos, de encadernações coloridas, de capas douradas ou brochuras arrebitadas. Uma biblioteca é o local de retenção de símbolos, de formação de sonhos, de viagem ao passado, de reflexões, de acúmulo de saberes e de poder.

E nós, historiadores, preocupados com a *leitura, história e história da leitura*, usando o título da coletânea organizada por Márcia Abreu<sup>2</sup>, deveremos correr e anotar, enquanto conseguirmos, as coleções de livros de nossos antepassados que ainda não foram destruídas pelos cupins ou simplesmente indexados. Deveremos apreender o sentido que tiveram, para a sociedade, em geral, essas grandes coleções particulares do passado. Excelentes teses, monografias e estudos têm se debruçado na busca, seleção, codificação de livros e seus leitores, em épocas passadas, procurando atingir as preocupações, os anseios e as dúvidas dos donos daquelas relações. E essas análises estudam o que se lia, quem lia, quem comprava, quem editava, o que era proibido o que era mais vulgar e conhecido. Toda uma trama de relações sociais brota dessas análises.

Neste trabalho trazemos a público a coleção de obras existentes na biblioteca de Joaquim José Teixeira Leite (1812-1871), político da província do Rio de Janeiro, existentes no Museu da Casa da Hera (IPHAN), em Vassouras, RJ<sup>3</sup>.

Joaquim José Teixeira Leite, advogado, financista, político influente, banqueiro e membro da família Teixeira Leite, foi presidente da Câmara Municipal de Vassouras em duas ocasiões: 1844-1848 e 1861-1864. Formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, era filho do 1º barão de Itambé (Francisco José Teixeira<sup>4</sup>) e da baronesa de mesmo título, Francisca Bernardina do Sacramento Leite Ribeiro. Os dez filhos do barão de Itambé passaram a usar o nome Teixeira Leite. Seu irmão mais conhecido, o barão de Vassouras, Francisco

<sup>2</sup> ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp. 1999, 1ª reimpressão, 2002.

<sup>3</sup> Agradecemos à arquiteta Isabel Ferreira, diretora da CASA DA HERA, o fornecimento da listagem de todo aquele acervo cuidadosamente mantido sob a sua guarda bem como o acesso à biblioteca. Sem o seu apoio este trabalho seria impossível de ser realizado.

<sup>4</sup> Francisco José Teixeira era oriundo de S. João Del Rey e veio se instalar em terras do então município de Paty do Alferes quando se deu a decadência do ouro, fato muito comum nos finais do século XVIII.

José Teixeira Leite, com quem alternou por várias ocasiões a presidência da Câmara de Vassouras, teria deixado, também, enorme biblioteca, que infelizmente se perdeu<sup>5</sup>.

JJTL e seus irmãos foram fazendeiros de café, sendo que ele, por sua formação universitária, dedicou-se ao comércio na Casa Comissária Teixeira Leite & Sobrinhos, casa que atuava na compra/venda e financiamento da lavoura cafeeira regional.<sup>6</sup> Em seu testamento e posterior inventário observa-se que sua fortuna estava composta de apólices de títulos da Dívida Pública do Empréstimo Nacional de 1868, em ações do Banco do Brasil, em depósitos bancários, casas, um passivo oriundo da Casa Comissária acima declarada, mas apenas quatro escravos, o que demonstra que JJTL nunca fora um produtor de café. O monte de seu inventário perfazia o valor de 767: 937\$876.<sup>7</sup> Mas não consta, no seu inventário, nem a descrição dos móveis, quadros e bens nem da biblioteca que estamos analisando, por serem inventariados como um todo: " a Casa da Hera e seus pertences".

Joaquim José Teixeira Leite é conhecido, também, pela sua atuação e esforço na criação da Estrada de Ferro Pedro II ligando o Rio a São Paulo. No muro de sua casa, ainda existente em Vassouras, uma placa assinala o feito dessa criação, assinado ali. Foi Comendador da Ordem da Rosa, e atuou como representante dos interesses de Vassouras na Câmara dos Deputados, no Rio de Janeiro.

Nascido em 1812, vemo-lo, já em 1839, constituindo parte da Comissão permanente para "acordar os meios de conter as insurreições dos escravos", aterrorizados que estavam os proprietários do vale do Paraíba com a célebre insurreição de Manuel Congo de 13 de novembro de 1838 a 6 de setembro de 1839 que ocorrera no município. Segundo Alberto Brandão, em seu trabalho *O passado e o presente de Vassouras*, o relatório dos serviços prestados por essa comissão "é um documento digno dos seus autores e revelador da grandeza de vistas e sentimentos dos homens daquele tempo".<sup>8</sup> Da Comissão faziam parte Domiciano Leite Ribeiro (visconde de Araxá), Joaquim Francisco de Faria e Laureano Correa e Castro (sogro de JJTL e barão do Campo Belo).

Muitos inventários, testamentos e anúncios do Jornal do Commercio, no século XIX, apontam relações de livros deixados pelo

<sup>5</sup> Informação oral transmitida por seu bisneto, Dr. Pedro Carlos da Silva Teles.

<sup>6</sup> STEIN, S. *Vassouras. Um município brasileiro do café, 1850-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 42-45.

<sup>7</sup> FALCI, M. & MELO, Hildete. Riqueza e emancipação: Eufrásia Teixeira Leite. *Estudos históricos*, 2002, n. 29, p. 170 e 171.

<sup>8</sup> RAPOSO, Ignacio, *História de Vassouras*. Governo do Estado do Rio de Janeiro. Secretaria de Educação e Cultura, 1978, p. 47.

inventariado<sup>9</sup>. E a maioria dessas bibliotecas estavam com os médicos ou os bacharéis, como chamaram atenção Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freire e Roderick Barman<sup>10</sup>. Esses profissionais representavam 17% da população brasileira livre e estavam entre os eleitores, que, por volta de 1889, não ultrapassavam o total de 125.000 pessoas<sup>11</sup>. Os estudos de Barman apontam também a predominância da formação em direito entre os senadores e ministros do Império.

Mas relativamente pouco conhecidas são essas relações de livros ou os Catálogos de bibliotecas particulares existentes no Brasil na época imperial, embora o *status* que o livro passou a ter entre as camadas urbanas e a estabilidade alcançada pelo império tenham sido, segundo autores como José Murilo de Carvalho<sup>12</sup>, responsáveis pelo quadro de ampliação de livrarias, gráficas e, conseqüentemente, pela constituição de bibliotecas particulares.

Como dissemos, no inventário de JJTL não consta a biblioteca. Dois anos depois de sua morte, as únicas filhas, Francisca Bernardina e Eufrásia, partem para a Europa, onde vivem por muitos anos, e conservam fechada, por 60 anos, tão valiosa coleção na Chácara onde moravam, em Vassouras. Assim, quando, em 13 de setembro de 1930, faleceu Eufrásia Teixeira Leite, filha inupta de Joaquim José Teixeira Leite, constava, entre seus inúmeros bens, representados por quadros, móveis e roupas, uma valiosa biblioteca composta de 890 volumes, bens esses mantidos na Casa da Hera, e que, segundo o testamento de Eufrásia, deveriam fazer parte de um museu. Mantidos hoje sob a guarda do Patrimônio Histórico Nacional no Museu da Casa da Hera, na cidade de Vassouras, (RJ), o acervo representa uma extraordinária fonte de conhecimento sobre os possíveis interesses de leitura daquele bacharel, maçom, político, deputado provincial e banqueiro do século XIX acrescido com livros de sua filha, a mulher milionária, rentista, moradora de Paris dos finais do século XIX.<sup>13</sup>

<sup>9</sup> ANTUNES, Alvaro de Araujo. Considerações sobre o domínio das letras nas Minas setecentistas, in *Locus*, 2000, pp.9-21 e dissertação de mestrado *Espelho de cem faces, o universo relacional do advogado setecentista José Pereira Ribeiro*, UFMG, 1999. Ver também VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1997, vol. 1.

<sup>10</sup> HOLANDA, S. B. de. *Raízes do Brasil*. Rio: José Olympio, 1990. p. 113-125; FREIRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil*. Rio: Record, 1990; BARMAN, Roderick. *A formação dos grupos dirigentes políticos do segundo reinado: a aplicação da prosopografia e dos métodos quantitativos à história do Brasil Imperial*. RIHGB, 1984, pp. 61-86.

<sup>11</sup> FERREIRA, Tânia Bessone. Bibliotecas de médicos e advogados do Rio de Janeiro: dever e lazer em um só lugar. In: *Leitura, história e história da leitura*, op. cit. p. 316.

<sup>12</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

<sup>13</sup> Sobre a vida de Eufrásia ver FALCI, M. e MELO, Hildete. Riqueza e Emancipação: Eufrásia Teixeira Leite - uma análise de gênero. *Estudos Históricos*, 29, Rio: Fundação Getúlio Vargas, 2002, p.165-185.

É certo, como disse Maria Beatriz Nizza da Silva, que a posse de livros não implica necessariamente a sua leitura, mas também a ausência dos mesmos não significa que os indivíduos não tivessem acesso ao conteúdo de várias obras, ou pelas conversas ou por cópias manuscritas em circulação. “...Ainda em inícios do século XIX, copiavam-se à mão senão livros inteiros, pelo menos alguns excertos, por vezes em tradução, quando se tratava de obras estrangeiras.”<sup>14</sup>

Admitimos também, não só pela composição da biblioteca (onde se destacam assuntos a ele ligados) como pela menor quantidade de volumes adquiridos após 1871, data da sua morte, ter sido aquela biblioteca, em sua quase totalidade, de Joaquim José Teixeira Leite. Livros publicados entre 1872 e 1930 estão em número inferior aos que já existiam naquela biblioteca e que datavam do início do século XIX. No entanto Eufrásia não se desfez da biblioteca após a morte do pai e a manteve por 60 anos até a sua morte. Eufrásia manteve e cuidou da biblioteca até o final de sua vida, com 80 anos de idade embora tenha vivido por muitos anos em Paris, à rua Bassano 40, no quarteirão chique próximo ao Champs-Elisées (8º Arr.). Na correspondência travada entre ela e sua empregada Conceição, escrita de Paris, indaga constantemente se havia sido colocado “remédio” nos livros e nas formigas que invadiam a chácara e atacavam a horta e o pomar daquela bela residência<sup>15</sup>.

É extraordinariamente variada a composição dessa biblioteca. Possuindo um total de 890 volumes que correspondem a 360 títulos em livros, sendo 98% em francês, destacam-se os livros sobre História da França e História Geral, sobre teatro, principalmente o teatro dos autores clássicos como Plauto, Sêneca, e os livros de literatura francesa, inglesa, italiana e alemã. Seguem-se os livros sobre Direito, as coleções de leis, as Ordenações Filipinas, Tratados, as coleções de Anais do Parlamento, Relatórios dos Presidentes de Província, Estatísticas, Tarifas, Biografias, Política, Teses de Medicina e de Direito, Colonização e Agricultura, Seguros, Balanços, História do Brasil, Almanques (principalmente o conhecido como Laemmert) e Discursos feitos na Assembléia Legislativa e na Câmara Imperial.

Há também livros que expressam conceitos filosóficos, muitas vezes até antagônicos entre si, e muitos de inspiração e autoria da maçonaria. Cerca de 12 autores maçons estão ali na biblioteca.

Além dos livros, a biblioteca apresenta diários com anotações comerciais e apontamentos sobre a família Teixeira Leite, uma coleção do *Jornal do Comercio* entre 1840 e 1863 e importantes mapas.

<sup>14</sup> SILVA, Maria Beatriz Nizza da. História da leitura luso-brasilira: balanços e perspectivas, in *Leitura, história e história da leitura* (org Marcia de Abreu), op. cit. p. 159.

<sup>15</sup> Inventário de Eufrásia Teixeira Leite, vol IV. Centro de Documentação História. Vassouras: Universidade Severino Sombra.

Assim destaca-se a *Carte General Physique et Politique* da França, da América Setentrional, da Ásia, da África, das Ilhas Britânicas, da Itália e, especialmente, da província do Rio de Janeiro, a *Planta corografica de la Provincia* feita por Joaquim de Soto Garcia de la Veja, 1853, os *Mapas Comerciais do Rio de Janeiro* e o *Atlas com a Voyage au Brésil* nos anos de 1815, 1816 e 1817 do príncipe Maximiliano. E dentre todas essas cartas e mapas sobressai-se um exemplar do primeiro "Atlas do Império do Brazil compreendendo as respectivas divisões administrativas, ecclesiasticas, eleitoraes e judiciarias dedicado a Sua Magestade o Imperador o Senhor D. Pedro II e destinado a Instrucção Pública no Imperio" mandado executar por Cândido Mendes de Almeida em 1868, na Lithographia do Instituto Philomathico, Rio, obra atualmente reimpressa pelo bisneto de igual nome Cândido Mendes (2000). Todas essas cartas e atlas do século passado fornecem ao historiador importantes conhecimentos de limites históricos alterados não só pelas constantes guerras e tratados como, no caso brasileiro, pelas mudanças administrativas das províncias e a criação de inúmeros novos municípios do Brasil. Na época, por exemplo, possuía o Brasil 19 províncias e um município neutro. A província do Rio de Janeiro, atualmente com 92 municípios, possuía apenas 34 municípios.

Embora seja nosso objetivo destacar a importância da biblioteca como um todo,<sup>16</sup> convém que analisemos em primeiro lugar algumas obras que nos chamaram a atenção.

### **A biblioteca e os livros de história**

Nota-se uma extraordinária preocupação com o estudo da História. São obras de História da França, História Romana, História Grega, História Moderna e todas em francês.

Algumas contêm a *História da França contada às crianças e a juventude*, escrita em Paris entre 1853 e 1860 por Lamé de Fleury (francês), outras são estudos densos cujos leitores certamente estariam entre os homens cultos e ligados à política, e aí estão: a *História dos Girondinos*, por Lamartine, em 8 volumes; *História das duas Restaurações*, por Vaulabelle, também de 8 volumes; *Considerações sobre os principais acontecimentos da revolução francesa*, em 3 volumes, de Madame de Stael; *Napoleão e a Europa, fragmentos histórico,s* por Alexandre Dion, em 2 volumes; *Coleção das memórias relativas à Revolução francesa*, por Camille Desmoulins; *Historia dos Franceses*, escrita por J. C. L. de Simonde e publicada em Paris entre 1821 e 1844, composta de 31 volumes.

E além dos citados aparecem outros três grandes historiadores da época: Thiers, Capéfigue e Guizot. Vários livros do historiador Thiers, como *História do Consulado e do Império*, com 16 volumes; *História da Revolução Francesa*, com 10 volumes, publicados em Paris, encontram-se na biblioteca. De Guizot destacamos a *Civilização na França*, em 4 volumes; a *Civilização na Europa*, com um volume; e, de Capéfigue, *A França durante o Consulado e o Império de Napoleão*, com 10 volumes, *Os 100 Dias (2 volumes)*, *História da Restauração (10 volumes)*, *História da França na Idade Média (4 volumes)*, *Os quatro primeiros séculos da Igreja Cristã (4 volumes)*, *A Sociedade da Europa desde 1848 (4 volumes)*, *Os Diplomatas Europeus (4 volumes)*, *O Congresso de Viena, a Igreja na Idade Média (1 volume)*, *A Europa sob Luis Filipe (10 volumes)*. Aparece ainda a *History of England*, de 15 volumes, editada em Londres, 1824, e escrita por T. David et Smollet.

Observa-se na escolha de alguns autores a identidade, a similitude com a vida de Joaquim José Teixeira Leite: muitos autores foram políticos dirigentes, historiadores e homens de letras. Thiers é um exemplar homem de estado e historiador. Nasceu em Marselha, em 1797, formara-se advogado em Aix, em 1819, e, em 1830, fundara a *Nacional*, contribuindo para o estabelecimento da monarquia de julho, na França, da qual tornou-se ministro em 1832, presidente do conselho em 1836. Quando eleito deputado em 1836, ele se opôs à política das “nacionalidades” e chegou a presidente da República pela Assembléia Nacional em 1871. O seu opositor, Guizot (François), também homem de estado e historiador foi símbolo de uma política conservadora e mais tímida em relação à Inglaterra. Foi ministro de Luís Filipe e autor de *Historia da Revolução da Inglaterra e da História da civilização na Europa e na França*, obras que JJTL possuía.

Além de Thiers e Guizot, Vaulabelle (Achille) foi historiador e homem político francês, e Camille Desmoulins, advogado e jornalista, nascido em Guise, em 1760, preparou o ataque contra a Bastilha e ajudou poderosamente o movimento revolucionário em seu jornalismo; membro da Convenção, foi para o cadafalso, acusado de moderado, juntamente com Danton, em 5 de abril de 1794.

Assim, ao lado de alguns historiadores conservadores, encontram-se outros tidos como exemplos de espírito aberto e liberal como Mme. de Stael, filha de Necker e célebre por seus escritos de tendências liberais, como Delfina, Corina, etc.

As principais obras históricas sobre o Brasil (escritas em francês) ali encontradas são: de Francisco Adolfo de Varnhagen, *Vespuce et son premier voyage*, Paris, 1858; *Situation Sociale, Politique et Economique de l'Empire du Bresil*, de Pereira da Silva, Rio, 1865; *La retraite de la Lagune*, de Alfredo d'Escagnolle Taunay, Rio, 1871.

Esses enorme acervo de obras de História levou-nos a indagar sobre o ideais e a formação cultural de JJTL mas não se conhece, até

agora, nenhum dado biográfico desse bacharel. Informações colhidas em livros de história local enaltecem a sua figura como presidente da Câmara e como político em determinadas ocasiões, mas não nos dão um quadro preciso e completo sobre tal personagem.<sup>17</sup>

E partindo daí, na busca do que um advogado tinha como ideais de leitura, procuramos conhecer como era a formação dos bacharéis na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, na capital de São Paulo, o segundo mais antigo curso humanístico superior do Brasil, juntamente com o Curso Jurídico de Olinda, instituição que, por muito tempo, se constituiu num importante local de formação da cultura letrada no país, ou, como declarou Sérgio Adorno, local que foi "o celeiro dos aprendizes do poder e formador dos futuros mandarins de nossa política".<sup>18</sup>

### ***Quais seriam os elementos dominantes culturalmente naquela faculdade?***

Segundo Ana Luiza Martins, tanto a Faculdade de Direito de São Paulo quanto os Gabinetes de Leitura do Império constituíram, a seu modo, órgãos controladores da censura no Império, censura que se fazia de modo informal através de segregações, boicotes, marginalizações, perseguições, mas que foram atuantes na coibição da prática do livre arbítrio. Para a autora, aquela Faculdade constituía um "imenso aparelho repressor, até por se tratar de órgão oficial do Império".<sup>19</sup> O casarão franciscano acabou por conjugar dois símbolos opostos: o cultivo da tradição e do obscurantismo, na representação do seu corpo docente, e o ideal liberal e a conquista das Luzes, pelo seu corpo discente, choque que formou gerações contestadoras por excelência, no país. "Os alunos nela formados transformaram-se em agentes sociais atuantes, que driblavam o marasmo da capital paulistana,...criando Sociedades Literárias, imprimindo jornais de oposição, fundando e/ou participando de Lojas Maçônicas, introduzindo, por meio de práticas culturais diversas, uma revolução nos costumes, na política e na religião"<sup>20</sup>.

Em junho de 1852 fora criada, em Vassouras, a unidade maçônica intitulada *Benemérita Loja Capitular Estrela do Oriente de*

<sup>17</sup> Ver RAPOSO, Ignacio. *História de Vassouras*. 2. Edição. Governo do Estado do Rio. Secretaria de Educação e Cultura, Rio. 1978.

<sup>18</sup> ADORNO, Sérgio. *Aprendizes do poder*. O bacharelismo liberal na política brasileira. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

<sup>19</sup> MARTINS, Ana Luiza. Gabinetes de Leitura do Império: casas esquecidas da censura? In: *Leitura, história e história da leitura*, op. cit. p. 305-409.

<sup>20</sup> MARTINS, op cit. p. 399.



Vassouras, reunindo em seus quadros os nomes mais importantes do município, tendo sido JJTL por várias vezes o venerável da Ordem.

Quais os ideais propagados, discutidos e perseguidos nessa Loja não o sabemos mas dela faziam parte, também, seu irmão, barão de Vassouras, seu cunhado, barão do Tinguá, e seu sogro, barão do Campo Belo. Essa loja abateu colunas em 1881, doando à Câmara Municipal todos os seus bens e o prédio em que funcionava.<sup>21</sup> Há ainda, em português: *Instruções para se conhecer e tratar o cholera-morbo dirigidas aos senhores fazendeiros* por C. Luiz de Miranda, Rio, 1855 e muitas teses de Medicina e de Direito defendidas aqui no Brasil. Encontram-se ainda ali: *Legislação provincial do Rio de Janeiro* por Luiz Honório Vieira Souto, 1 vol., *Coleção de leis, decretos, actos, decisões do Governo da Provincia do Rio de Janeiro*, 1880; *Documentos Estatísticos sobre o Comércio do Império do Brasil nos anos 1845-1853*, 37 números da *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 40 números da *Revista popular*, 22 números da revista *Auxiliador da Indústria Nacional*. Também inúmeras obras sobre Estradas de ferro, e um célebre *Tratado sobre a engenharia mecanica das estradas de ferro*, em 9 volumes, publicado em Londres (em Inglês), 1843.

Uma outra riqueza da biblioteca é o acervo literário. Poder-se-ia dizer que todos os expoentes da literatura universal, com exceção de Camões e Cervantes, encontram-se ali. Numa época em que existiam poucas livrarias, e estas somente na Côrte, possuir tais coleções significa verdadeiramente espírito culto e amante das letras. Ali estão as obras primas da literatura universal dos séculos XVII, XVIII e XIX. Sobre literatura francesa a biblioteca faz o percurso de toda a produção daquele país. Caminha pelo classicismo e romantismo. Mas sobre o Brasil o conhecimento literário é bem menor. Não se encontram ali obras dos cronistas como Gabriel Soares de Souza nem dos missionários como Vieira (*Os Sermões*, por exemplo) ou do romancista José de Alencar. O conhecimento sobre o Brasil é mais técnico, estatístico, geográfico, administrativo, econômico e político. Para terminar, gostaríamos de lembrar as reflexões de Tânia Ferreira. As bibliotecas de médicos e advogados, do século XIX, onde o dever e o lazer se encontravam em um só lugar, no dizer de Tânia<sup>22</sup> são a chave de compreensão do perfil do leitor do século XIX, que sentia a necessidade de construção de uma identidade nacional no Brasil.

E essa identidade, embora profundamente influenciada pela cultura da França, fosse nas palavras, nos gestos e nos ritos, buscava produções e práticas distintas daquela exclusivamente francesa,

<sup>21</sup> RAPOSO, Ignácio. *História de Vassouras*. Governo do Estado. SEEC, 1978, p. 96.

<sup>22</sup> FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira. Bibliotecas de médicos e advogados do Rio de Janeiro: dever e lazer em um só lugar. In *Leitura, história e história da leitura*, op. cit., p. 313 - 335.

principalmente pela incorporação, já na Segunda metade dos oitocentos, da literatura inglesa, do domínio de livros científicos, das análises matemáticas, do conhecimento de Biologia e das ciências naturais.

## **Bibliografia**

- ABREU, Martha. (org). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp. 1999, 1ª reimpressão, 2002.
- ADORNO, Sérgio. *Aprendizes do poder*. O bacharelismo liberal na política brasileira. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- ANTUNES, Álvaro de Araujo. Considerações sobre o domínio das letras nas Minas setecentistas. In: *Locus: revista de História*. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional, 2000, v. 6, n. 2., p. 9-21.
- MARTIN, J. "Le message écrit: la reception", conferência proferida na Academie des Sciences Morales et Politiques, Paris, 15 de março de 1993, apud CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII* – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999, p. 94
- BURKE, Peter. A invenção da biografia e o Individualismo. In: *Estudos Históricos*, vol. 10, n. 19, 1997, p. 83-98.
- CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1981.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*-Brasília: Universidade de Brasília, 1999.
- FALCI, Miridan e Melo, Hildete. Riqueza e emancipação: Eufrásia Teixeira Leite. *Estudos históricos*, n. 29, 2002.
- FERREIRA, Tânia Bessone. Biblioteca de médicos e advogados do Rio de Janeiro: dever e lazer em um só lugar. In: *Leitura, história e história da leitura*, Campinas, SP: Mercado de Letras. Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999, 1ª reimpressão, 2002.
- LYONS, Martyn. Práticas de leitura, práticas de escritura: cartas de amor e escritas íntimas – França e Austrália, século XIX. In: *Locus*, vol 4, n. 2, 1998, p.55-68.
- MARTINS, Ana Luiza; BARBUY, Heloisa. *Arcadas. História da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, 1827-1927*. São Paulo: Alternativa, 1998.
- RAPOSO, Ignacio. *História de Vassouras*. Governo do Estado do Rio de Janeiro. Secretaria de Educação e Cultura, 1978.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A Longa viagem da Biblioteca dos Reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Vida privada e cotidiano no Brasil*. Lisboa, Estampa, 1993. "O comércio de livros de Portugal para o Brasil e a censura". In: *RIHGB*, n. 418, jan-mar 2003. (no prelo)

SOUZA, Laura de Mello (org). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.